

A FEIRA DE BURROS DE SOROCABA

F. L. d'Abreu Medeiros

A velha cidade de Sorocaba, hoje um dos centros industriais do Estado de São Paulo, celebrou-se, durante boa parte do século XIX, por sua *feira de burros*. Trazidos aos milhares dos campos de criação do Rio Grande do Sul, os muares viam-se avidamente disputados pelos tropeiros da região centro-oriental do país, particularmente de Minas Gerais.

As páginas, que aqui oferecemos, foram escritas por um cidadão, "natural de Sorocaba", e figuram numa pequena obra, hoje rara, publicada em 1864. Constituem um precioso documento histórico, mas de alto interesse geográfico, por retratarem de maneira extraordinariamente viva uma das fases mais brilhantes da evolução econômica daquela cidade paulista.

Nos meses de abril e maio começam a concorrer à feira de Sorocaba, de um lado os compradores e de outro os vendedores, com suas léstas em número mais ou menos de 40 a 50.000, que dão o resultado de dois a três mil contos de réis.

As tropas são conservadas nas vizinhanças da cidade, em campos reíunos ou de aluguel, e "rondadas" pelos *camaradas* ou *pionadas* até serem vendidas e seguirem seu destino; ou, então, até voltarem para as *invernadas*, a esperarem a feira seguinte, o que é um grande transtôrno para os donos das mesmas.

Neste tempo é quando também concorrem os mascates, dentistas, joalheiros, relojoeiros, pelotiqueiros, companhias dramáticas, cavalinhos, cantoras, tanjedores de instrumentos, e os sócios ou caixeiros das casas comerciais do Rio de Janeiro conhecidos por *cometas*, que vão ao encontro dos seus devedores para lhes darem um "abraço" e ajudá-los a vender as tropas.

Aparecem os cambistas para receber o dinheiro das letras vencidas e descontarem outras, modo de vida a que se dão muitos indivíduos do lugar.

Surgem também os "negociantes" exclusivos de certa espécie, a título de comprarem tropas, cujo comércio único é o jôgo: os patoteiros, que vão enganar os incautos com trabalhos preparados; os passeadores, vadios, pelintras, traficantes e, até, mulheres de vida alegre.

A cidade, como se pode fazer idéia, prasenteira e ruidosa, sobrepuja a muitas capitais de províncias. As ruas são cruzadas por uma

multidão de cavaleiros, que interrompem o sossêgo público com o repinicar das ferraduras dos animais, que batem fortemente sôbre as calçadas. As casas ficam apinhadas de gente de fora e por um aluguel fabuloso, ao ponto de excitar a cobiça de alguns indivíduos mais necessitados, que alugam também as suas propriedades, passando a residir por alguns dias em pequenos casebres mais baratos ou com seus amigos e parentes.

Os espetáculos abundam, os divertimentos redobram-se, as despesas crescem e o dinheiro gira em grossas somas.

Aqui e ali vêem-se grupos de pessoas a pé, umas conversando em altas vozes e outras lendo cartazes pelas esquinas, pregados naquele instante, ao som da música e do estrépito dos foguetes; compradores e vendedores, uns a desfazerem negócios quase concluídos e outros a falarem mal da fazenda alheia, a engrandecerem as suas tropas, dizendo com orgulho que a sua *mulada* é "de flor", "redondinha de gorda", de "berro grosso, bico arcado e rasto grande"; expressões estas empregadas pelos verdadeiros "monarcas" das coxilhas.

Vêem-se também os *cometas* agarrados ao cogote de alguns pobres devedores, a influírem os Mineiros e afirmarem que tal e tal tropa (que eles não viram e nem dela entendem) é muito boa; tanto "apertam", que alguns tropeiros muitas vêzes se vêem obrigados a fazer má venda de suas bêstas para despegarem as "sanguessugas"; os vendedores, que procuram com antecedência saber dos cambistas se querem descontar certas letras, para então efetuarem os seus negócios; os capitalistas, que da mesma sorte se informam se as firmas são de "primeira água"; os mascates e joalheiros, que não se esquecem de espalhar milhares de anúncios, a esbarrarem uns nos outros, e qual primeiro a bater palmas nos corredores, e alguns já invadindo o interior das casas, oferecendo suas fazendas (alcaides) do mais apurados gôsto, seus brilhantes, obras de ouro, faqueiros, castiçais de prata e ricos relógios do muito conceituado Plak-Mik, por um valor quadruplicado; os *carcamanos* com harpas e realejos às costas, rabecas, flautas e outros instrumentos desafinados, com os quais, de espaço a espaço, para atraírem a atenção, aturdem os ouvidos da pobre humanidade; marmanjos, vestidos porcamente, a oferecerem obras de fôlha de Flandres, a mostrarem panoramas ordinários pelo preço de dois vinténs, e outros a fazerem dançar micos enfeitados; as cantoras perguntando a todos se querem ouvir a sua voz de "sereia", mais parecida com a de um touro, e um bando de moleques assobiando atrás de todos êstes especuladores, que são continuamente interrompidos em sua passagem pelos — *sios! sios!* — dos brejeiros, que logo se escondem, fazendo assim andarem eles procurando pelo "homem da capa preta", até que, descoraçados, prosseguem seu caminho, sendo novamente interrompidos por outros *sios!*

Vêem-se também os cômicos a passarem bilhetes para uma dúzia de benefícios, elogiando a "boa peça" que vai à cena; as velhas

com papéis de subscrições para casamentos de órfãos e amparo de famílias desvalidas; rapagões esfrangalhados, que exigem uma contribuição para levantarem uma casinha ou para concêrto da que está para cair; vários irmãos da ópa, com suas salvas, sacos ou caixinhas de madeira seguras ao pescoço por uma correia, a pedirem para êste ou aquêle santo; dois ou três casais de prêtos velhos e doentes, que seus senhores, "por compaixão", consentem que supliquem de porta em porta alguns magros vinténs para sua liberdade; e, finalmente, uma ou outra donzela de vida alegre com uma salva de prata, a qual se chega aos Curitibanos e lhes fala com sua voz "enternecida": — És-mola para uma missa de "promessa".

A noite, então, faz-se muita cousa. O povo emprega-se em espetáculos, jogos, passeios e outros divertimentos; e, quando alguns inexperientes caem nas "rotoeiras", penam e deixam as "penas". E no meio de tôdas estas barafundas ouve-se, de continuo as palavras *bêstas, burros, cavalos, à vista, a prazo, boas firmas, dois marços, dois anos tapados*, etc., etc.

Rompe-se, finalmente, a feira!

E' vendida a primeira tropa.

— Rebentou a feira! rebentou a feira! gritam todos.

— A tropa de fulano foi vendida a tanto!

— Nada! foi a mais.

— Qual! foi a menos.

— Eu presenciei o negócio.

— Êles se combinaram para guardarem segredo sôbre o preço.

— Não há quase tropas.

— Há tantas como formigas.

Os vendedores exageram quanto podem os preços das tropas já vendidas, e os compradores os diminuem.

A venda de uma tropa é feita, mais ou menos, do modo seguinte:

Pela manhã, o comprador e o vendedor ambos a cavalo, dirigem-se ao campo onde se acha a tropa; e, se aquêle é "ladino", já tem dado ordem particularmente à sua *pionada* para, no ato de "parar rodeio", trazer as *bêstas* à rebenque, a fim de representarem maiores e sem "refugas" aos olhos do comprador, que, sendo "novato" e entendendo pouco do "riscado", leva da "manta", "espiga" ou "mandioca".

Nem todos os vendedores são dêstes "ladinos", pois há muitos que fazem seus negócios com a maior boa-fé.

A venda pode ser feita a "puxar a *madrinha*", e, neste caso, vai a tropa com tôdas as "refugas"; ou, então, de uma parte, com exclusão de tôdas as *bêstas* mais ordinárias ou só de algumas, conforme o contrato.



1. Igreja
2. São Bento
3. S. Clara
4. S. Antonio (Município)
5. Santa Cruz
6. Prazer de S. Rafael
7. Prazer de S. Clara
8. Velho etc.

CIDADE DE SOROCABA.

9. Igreja velha
10. Mosteiro
11. Casa das fundas (Casa do Brigadeiro R. Tobias)
12. Casa de S. Lucas
13. Casa de S. Domingos
14. Igreja de S. Roque
15. Largo das tropas
16. Muro da terra

A CIDADE DE SOROCABA EM MEADOS DO SÉCULO XIX

A presente gravura aparece no interessante livro de F. L. d'Abreu Medeiros — "Curiosidades Brasileiras" (Rio, 1864) e focaliza dois aspectos bastante expressivos: uma vista parcial da velha cidade paulista e uma tropa de burros, símbolo de sua celebridade no século passado.

Pode também ser a venda de 200 ou 300 bēstas escolhidas ou "cortadas" de uma tropa de 600, 800 ou mais. O *corte* é feito do modo seguinte:

Recolhem tōda a tropa em uma *mangueira* ou, em falta desta, "encostam" aquela em um lugar apertado, junto a um "banhado", e aí promovem um total "revolvimento" entre as bēstas, confundindo as melhores com as mais ordinárias e, depois de uma completa "mistura salina", fazem sair as mesmas daquele "redemoínho", indo adiante a *madrinha*, que é um animal "vaqueano", manso, que anda com um cinorro ao pescoço.

Nesta ocasião, um cavaleiro incumbido de fazer o *corte* — coloca-se à certa distância e vai contando promiscuamente as bēstas que passam e, ao completar o número contratado, grita — *Up!* — e rompe rapidamente em seu cavalo pelo meio da tropa, deixando para um lado as bēstas vendida, ao mesmo tempo que a *pionada* "rebate" ou espanta as mais para outro lado.

A tropa é entregue ao comprador, que toma conta dela com os seus *camaradas* e, quando lhe convém partir, manda puxá-la pelos subúrbios da cidade, passa a ponte ou o rio quando está baixo, e vai seguindo sua viagem, tendo pago os competentes "novos impostos". Os outros direitos provinciais pertencem aos vendedores idôneos, que assinam letras por um ano à vista das guias que aquêles trazem da barreira de Itapetininga, nas quais estão mencionados os números de suas respectivas bēstas, que por lá passaram.

Sobe a muito alto a importância de todos os impostos e outras despesas que se faz com uma bēsta desde que ela sai da estância do primeiro vendedor até à cidade de Sorocaba, pois que há vários registros ou barreiras no Rio Grande, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, onde se cobra extraordinários tributos.

Pesa tudo sōbre o pobre tropeiro, que, em uma feira ruim, não chega a tirar o capital empregado, além de perder seu imenso trabalho.

Aberta que seja a feira, vão-se vendendo quatro, seis, oito e mais tropas por dia, sendo conduzidas umas após outras com a maior cautela dos *camaradas* para não "se entreverarem".

Os vendedores, à proporção que vão liquidando os seus negócios, recebendo suas roupas novas das mãos dos alfaiates, as obras de prata dos ourives, e munindo-se do necessário para a viagem, fazem "víspera" com as algibeiras cheias de dinheiro e quase sempre de "letras" e "tetras". Alguns regressam apressadamente sem se importarem com as boas festas que têm de haver naqueles dias.

Tōdas as pessoas de fora vão deixando "encordadamente" a cidade para se recolherem a seus lares, umas felizes e outras "caiporas" em seus negócios, jogos, amōres, etc.

Aquela animação — o “fervet opus”, que ali reinava, se vai amortecendo pouco a pouco, até extinguir-se de uma vez, ficando substituído pelo trabalho e comércio dos habitantes, que, naqueles primeiros dias, parecem ter saído de um verdadeiro sonho, vendo tudo novamente em seu estado normal.

(*Trecho extraído da obra Curiosidades Brasileiras, tomo I, págs. 20 a 28, ed. Eduardo & Henrique Laemmert, Rio de Janeiro, 1864.*)